

A EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA A SERRA DA ESTRELA,
ORGANIZADA PELA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA
EM AGOSTO DE 1881

No dia 1 de Agosto de 1881, às 20.15 horas, o combóio, que levava os 42 membros lisboetas da expedição, saía da estação da Linha do Norte, aclamado por numerosa assistência, que incluía o presidente do conselho de ministros. A companhia, engrossada dos membros que entraram em Coimbra e na Mealhada, mudou-se no dia 2 para a Linha da Beira Alta, que os levou gratuitamente até Celorico da Beira, utilizando um percurso ainda em fase de acabamento, que só será aberto ao público no ano seguinte. Tinham almoçado em Santa Comba e, passando pelo Carregal do Sal às 14.00 horas, foram saudados por «alguns cavalheiros e os artistas da filarmónica da terra». De Celorico, a expedição ganhou por estrada a Guarda, sede da Comissão auxiliar, encarregada da infra-estrutura material. No dia 4, à 1 hora da manhã, saía em direcção a Gaia, extremidade provisória da nova estrada a macadame em construção entre a Guarda e a Covilhã. O resto do trajecto far-se-ia a cavalo, com almoço em Manteigas e chegada às 22 horas ao lugar do acampamento, no planalto superior da Serra, a 1850 m de altitude.

Uma centena de pessoas iam viver ali durante duas semanas, sujeitas a um austero regime «militar», dedicando-se a observações científicas variadas e sendo, evidentemente, alvo da curiosidade dos habitantes da região. «Em volta do acampamento estava sempre um arraial de pessoas das circunvizinhanças [...]. Até um dia ali apareceu uma família completa, da freguesia de S. Romão de Seia, em um carro toldado e tirado por bois, com assombro dos montanhesees todos». Ainda que «o alto pessoal», «quase todo formado de lentes de diversas escolas, de oficiais superiores de nosso exército e de clínicos distintíssimos», tenha prestado serviço gratuito, a expedição foi muito dispendiosa (P. A. FERREIRA, 1890) e, talvez em parte por isso, nunca se repetiu.

Um século passou sobre este acontecimento científico vistoso e ímpar; merece a pena evocá-lo e tentar esboçar as suas características principais.

A Sociedade de Geografia de Lisboa tinha sido fundada em 10 de Novembro de 1875, tendo por finalidade «promover e auxiliar o estudo e progresso das ciências geográficas e afins em território português». Desde o primeiro número do seu Boletim (Dezembro de 1876), ficou anunciado o que ia ser sempre a principal preocupação da Sociedade. Numa representação ao Rei, declara-se: «Entre os graves problemas que as ciências geográficas e a economia comercial tem modernamente posto a caminho de civilisadora e humanitária solução [...] avulta, Senhor, a exploração científica, o estudo geográfico na sua mais lata aplicação do grande sertão africano». Esta representação destinava-se a apoiar o projecto de Expedição Portuguesa ao Interior da África Austral, expedição que será efectivamente levada a cabo de 1877 a 1879, por

Serpa Pinto, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens (M. E. MADEIRA SANTOS, 1978).

Como explicar que a Sociedade de Geografia tenha, excepcionalmente, tomado interesse e gasto bastante dinheiro numa expedição de índole caseira?

A proposta foi apresentada na sessão de 5 de Julho de 1880, pelo Primeiro-Secretário, LUCIANO CORDEIRO, sendo a iniciativa de L. F. MARRECAS FERREIRA, «capitão de engenharia e professor da escola do exército»; de cariz multidisciplinar, tinha orientação científica ao mesmo tempo pura e aplicada. «Este reconhecimento deverá abranger: a geologia, fauna e flora daquela região, seu relevo orográfico, formação das torrentes e sua influência nos vales adjacentes, particularmente sobre os do Mondego e Zêzere; possibilidade e vantagens do estabelecimento de um posto meteorológico, e ligação dele com uma das terras circunvizinhas; sondagens das lagoas, temperatura e densidade das suas águas a diversas profundidades e condições em que se acham relativamente à piscicultura; aptidões agrícolas e silvícolas das planuras e encostas; riqueza mineralógica, sua exploração actual e desenvolvimento que pode ter; vestígios arqueológicos, tradições locais».

Na sessão de 15 de Novembro acrescenta-se «que os trabalhos a realizar não poderiam concluir-se num ano, porque em cada ano só se dispunha de duas a três semanas, porém que em anos sucessivos se iriam continuando os estudos até que aquela região estivesse completamente conhecida».

No entanto, P. A. FERREIRA, que participou na expedição como «representante e repórter do Distrito da Guarda e do Comercio Português, um dos primeiros jornais do Porto», afirma que a ideia primeira veio do Dr. J. T. DE SOUSA MARTINS, «afamado clínico de Lisboa [que] tendo plena confiança no tratamento da tuberculose pela rarefacção do ar nas grandes altitudes [...] concebeu o projecto de montar na Serra da Estrela sanatórios [...] para os tísicos portugueses», o que se vai realizar pouco a pouco, sob o seu impulso, a partir de 1882. Verifica-se, com efeito, que este «professor da escola médico-cirúrgica de Lisboa, médico do paço dos nossos Reis», partilhou com o herói nacional que era HERMENEGILDO CAPELO, «capitão-tenente da armada real, explorador geógrafo», o lugar honroso de presidente da Comissão administrativa da expedição.

Os preparativos foram levados activamente, organizando-se 12 secções científicas (acabarão por ser 13, 2 das quais divididas em sub-secções, mais as secções auxiliares). Cada uma delas foi provida de desenvolvido programa de trabalho, redigido pela mais alta autoridade na matéria. Sirva de exemplo o seguinte «breve sumário» do da secção de geologia, concebido por CARLOS RIBEIRO, que seu estado de saúde impediu de participar na expedição. «Recomenda o estudo da forma geral da Serra, seu relevo e suas relações geográficas com as de Trancoso, Lapa, Lousã e Castelo Novo; caracteres físicos e gerais dos vales do Mondego, Zêzere e Alva, se há vales importantes, determinação das origens e importância das lagoas, principalmente da do Paxão, a maior; investigar se

há bermas ou socalcos nos vales, cobertos por depósitos de transporte; se há indícios de fenómenos diluviais, etc.» (*Bol. Soc. Geogr.*, 2.^a Sér., 6, 1881).

Conseguiu-se também, de diversas administrações e empresas, o eficaz apoio que ia permitir a perfeita realização de tão complexa e pesada organização.

Os resultados científicos da expedição não são de desprezar. O levantamento topográfico, começado um mês antes da chegada dos sábios ao topo da Serra, produziu um mapa da região, na escala de 1:50 000, com curvas de nível equidistantes de 25 metros. Escolheu-se o sítio do futuro observatório meteorológico, que passará a funcionar a partir de 1882 no Poio Negro (1450 m). Seis relatórios serão publicados em 1883, o que significa que várias das secções não chegarão a redigi-los, as de Agronomia e Silvicultura, de Antropologia, de Química, de Geologia, de Hidrologia, de Fotografia, de Zoologia e de Zootécnica, sem que este facto signifique obrigatoriamente que os seus resultados foram nulos. É assim que, em 20 de Junho de 1882, F. MATOSO DOS SANTOS, responsável da secção de Zoologia, obtém da Sociedade de Geografia a autorização de publicar sem detenções, no *Jornal da Academia*, as espécies novas que tinha encontrado na Serra, sem esperar pelo resultado do demorado estudo dos exemplares colhidos.

Apreciam-se as dificuldades do trabalho científico na montanha pela anedota contado por P. A. FERREIRA (1890, p. 2206-2208). Quando o major de cavalaria, F. A. TORRES, responsável da secção de Fotografia, quis fotografar a Lagoa do Paxão, mandou à frente «dois carregadores que levavam as máquinas e aparelhos fotográficos»; depois de demoras devidas a erros no caminho, «armou a barraca e preparou a máquina, mas vendo o relógio, disse que já não tinha tempo de ir fotografar os Cântaros, porque a distância era considerável, o sol ia declinando e a máquina depois das 3 horas não funcionava bem».

O relatório da secção de Etnografia (122 p.), da autoria doponente da expedição, L. F. MARREAS FERREIRA, tem por subtítulo *As lendas da Serra da Estrela na tradição escrita*; trata-se de uma compilação séria e útil, mas que não incorpora nenhum trabalho de campo.

Os dois relatórios da secção de Medicina são respectivamente dedicados aos trabalhos da subsecção de Oftalmologia (F. L. DA FONSECA JR., 22 p. e 1 est.) e da subsecção de Hidrologia minero-medicinal (L. TORRES e J. A. MEDINA, 34 p.), que estudou as águas das Caldas de Manteigas e de Unhais.

O relatório da secção de Arqueologia (F. MARTINS SARMENTO, 26 p. e 10 est.) reconhece que «no coração da Serra da Estrela na há antiguidade a procurar» e descreve as^t que se encontraram nas faldas e arredores da montanha.

O relatório da secção de Meteorologia (A. C. DA SILVA, 77 p. incluindo 29 quadros e 10 est.) descreve o funcionamento e dá os resultados completos das observações efectuadas a 1850 m d'altitude, de 5 a 19 de Agosto de 1881, comparando-as com as das estações da Guarda e de Coimbra;

faz também o estudo pormenorizado das trovoadas ocorridas em 7 e 8 de Agosto.

Enfim, o relatório da secção de Botânica, redigido por J. A. HENRIQUES (133 p. e 2 est. a cores), é de longe o mais completo e valioso, porque constitui a síntese não só das observações efectuadas pelo autor, «professor da universidade de Coimbra» e pelo seu ajudante, J. DAVEAU, «jardineiro em chefe do jardim botânico da escola politécnica de Lisboa», durante os 15 dias da expedição, mas de todo o saber acumulado pelos numerosos e notáveis botânicos que se tinham dedicado ao estudo do maciço, muito antes deste ser «descoberto» pela expedição (BROTERO, LINK, HOFFMANSEGG, WELWITSCH, MACHADO, RIVOLI, BARROS GOMES, BOISSIER, CUNHA e o próprio J. A. HENRIQUES). Consta de um catálogo de todas as plantas conhecidas e de um estudo de Geografia botânica, traduzido graficamente por um corte da serra, que mostra as 6 zonas de altitude (andares), e um mapa de Portugal.

A expedição, inicialmente pensada como plurianual, acabou por comportar uma única viagem. Os novos projectos, que alguns poucos entusiastas vão tentar pôr de pé, não terão seguimento. É a segunda serra portuguesa, o Gerês, que vai atrair a atenção de dois dos sócios, que tinham tomado parte activa na anterior expedição, HERMENEGILDO CAPELO e LEONARDO TORRES. Tendo feito, em Setembro de 1882, uma viagem ao Gerês (cujo relato pormenorizado será publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia* em 1883 (p. 259-277), apresentam, em 27 de Dezembro de 1882, uma proposta de organização de um «reconhecimento científico na Serra do Gerês» que o presidente sugere que seja submetido à comissão que regulou a expedição à Serra da Estrela. Não parece que esta tenha dado resposta alguma.

Em 7 de Dezembro de 1885, outro sócio, AUGUSTO RIBEIRO, lembrou-se de propor uma expedição científica aos Açores, «que não só levante uma carta geral do arquipélago, mas que também faça estudos especiais sobre a história natural daquelas ilhas», e que «se realise de Março a Setembro de 1886 e continue, se for preciso, em igual período de 1887». Quando, em 6 de Junho de 1887, o sócio FERREIRA SERPA perguntou que seguimento tinha sido dado ao projecto de AUGUSTO RIBEIRO, a resposta de LUCIANO CORDEIRO foi: «não tem sido possível obter que se reúna a comissão» designada para examiná-lo. É evidente que a Sociedade de Geografia se desinteressara por completo do «território português» extratropical. A quem, como o botânico JULES DAVEAU, tinha acreditado no projecto e se tinha preparado cientificamente para tomar parte nele, só restará, alguns anos corridos, a melancólica consolação de publicar, em 1889, as suas reflexões acerca «do que era conhecido sobre a flora deste arquipélago e em qual direcção deviam ser conduzidas as novas investigações», acrescentando «se a actualidade deste pequeno estudo preparatório já não existe desde o abandono do projecto, a necessidade de uma exploração continua sempre».

Não há dúvida que a Exploração à Serra da Estrela constitui um curioso acidente de percurso, uma excepção, na actividade de uma Sociedade de Geografia que, como aliás as suas congéneres estrangeiras,

se interessou sempre muito mais pela expansão ultramarina do que pelo estudo do próprio País. Em 1931, H. LAUTENSACH escreve: «o *Boletim da Sociedade de Geografia* raramente traz artigos acerca da metrópole e estes mais raramente ainda importam à Geografia. A maior parte do referido boletim ocupa-se da história e descrição das colónias portuguesas». Em 1948, M. FÉIO acrescenta que «é lamentável que [a única revista com título geográfico] continue mantendo a orientação apontada na resenha anterior, com nível científico ainda mais baixo». Em 1981, não se pode, infelizmente, modificar esta apreciação, a não ser dizendo que a Sociedade continua a ignorar, vários anos passados, os pedidos de admissão a sócios, entregues por alguns geógrafos do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa.

SUZANNE DAVEAU